ISSN: 2358-8829

ENTRE A RUA E A EXCLUSÃO: CONCEPÇÕES DE EDUCAÇÃO E INFÂNCIA EM CAPITÃES DA AREIA DE JORGE AMADO.

Diogo Kauã Santos Lima[1]
Jomar Ricardo da Silva[2]

INTRODUÇÃO

A infância em situação de vulnerabilidade social constitui uma temática central para a compreensão das desigualdades históricas e estruturais presentes na sociedade brasileira. Ao longo do século XX, crianças empobrecidas, abandonadas e marginalizadas foram frequentemente representadas por discursos que as associavam à criminalidade, à desordem e à incapacidade moral, desconsiderando suas experiências, formas de sociabilidade e possibilidades educativas construídas no cotidiano. Nesse contexto, a literatura assume um importante papel como fonte de denúncia histórica e social, permitindo analisar as diferentes realidades e interpretações no que diz respeito à infância, às relações sociais e dos processos educativos vigentes em determinada época.

A obra *Capitães da Areia (1937)*, de Jorge Amado, insere-se nesse cenário ao retratar a vida de um grupo de crianças e adolescentes em situação de abandono nas ruas de Salvador durante a primeira metade do século XX. No capítulo "Sob a Lua num Velho Trapiche Abandonado" Amado descreve a chegada no velho trapiche e as adversidades vividas pelo grupo de menores abandonados:

> "Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos que o atravessavam em corridas brincalhonas, que roíam a madeira das portas monumentais, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva. [...] Seria bem melhor dormida que a pura areia, que as pontes dos demais trapiches onde por vezes a água subia tanto que ameaça levá-los. E desde esta noite uma grande parte dos Capitães da Areia dormia no velho trapiche abandonado, em companhia dos ratos, sob a lua amarela. " (Amado, 2008, p.28).

[1] Graduando do Curso de Sociologia da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, d.santos@aluno.uepb.edu.br.

[2] Professor Dr. Associado ao departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, jomar@servidor.uepb.edu.br.

ISSN: 2358-8829

Por meio da narrativa, o romance apresenta as condições de pobreza, exclusão social e violência enfrentadas por esses sujeitos, e ao mesmo tempo em que desvenda suas formas de organização, solidariedade e construção de conhecimentos nas relações estabelecidas com diferentes agentes sociais. Assim, a narrativa ultrapassa a ideia da infância como etapa passiva da vida e ilustra as crianças como sujeitos ativos em seus processos de socialização e aprendizagem.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa bibliográfica, de abordagem qualitativa, tendo como corpus de análise a obra literária *Capitães da areia* (1937). A pesquisa bibliográfica foi escolhida por permitir a investigação de um problema a partir de referenciais já elaborados, possibilitando o diálogo entre a obra literária e a produção teórica sobre infância, vulnerabilidade social e educação.

Adotou-se o método indiciário, formulado por Ginzburg (1989), que propõe a interpretação de indícios e pistas fragmentárias para a construção de conhecimento sobre determinado fenômeno. A abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, dimensão não perceptível por meio de dados quantitativos (Minayo, 2015).

A relevância deste estudo justifica se em primeiro lugar porque a discussão da infância marginalizada permanece atual dialogando com os debates contemporâneos, além disso, ele representa mais uma contribuição no interior da pluralidade de abordagens que constitui os estudos amadianos. Uma vez que, entre análises literárias, linguísticas, de tradução e históricas, o olhar sociológico traz à tona um autor que imprimiu em sua obra uma interpretação do país no curso das tensões políticas, sociais, econômicas e ideológicas que o atravessaram na primeira metade do século XX.

Em segundo lugar, o estudo interessa à Educação por demonstrar, na experiência de crianças em situação de vulnerabilidade social, formas de aprendizagem entre pares, de transmissão de saberes e de constituição de identidade que dialogam diretamente com discussões contemporâneas sobre educação não formal, agentes sociais formadores, diversidade cultural, protagonismo infantil nos processos de ensino, aprendizagem e educação libertária.

Em terceiro lugar, ao articular literatura e educação, a pesquisa reafirma a legitimidade da obra literária como fonte de investigação educacional, prática já consolidada nos estudos de história e sociologia da educação, mas ainda pouco explorada no que se refere à literatura

ISSN: 2358-8829

brasileira de matriz social, como a de Jorge Amado. Por fim, o estudo dialoga com debates educacionais atuais sobre desigualdade social, e efetivação dos direitos da criança e adolescente, na medida em que a denúncia da negligência institucional presente na obra analisada permanece pertinente para a compreensão dos desafios enfrentados, ainda hoje, pela educação de crianças em situação de vulnerabilidade.

REFERENCIAL TEÓRICO

Assim como Milena Alves de Souza (2022, p.11)), observo na literatura de Jorge Amado, aspectos e experiências da realidade social que foram elaboradas no plano ficcional, elementos que certamente exerceram sobre ele profundo interesse, a ponto de tornarem-se objeto de sua escrita. Por isso, descrever brevemente a vida deste autor é necessário para a compreensão da temática dos Capitães da Areia, personagens centrais do livro aqui trabalhado.

Nascido em Itabuna, Bahia, no ano de 1912, Jorge Leal Amado de Farias, filho de fazendeiro produtor de cacau, viveu a infância em Ilhéus antes de mudar-se para Salvador, onde se tornou jornalista e escritor. Foi um atento observador da realidade e um ativista engajado na causa do regionalismo[3], socialismo e a produção de sentido em torno da identidade brasileira, o que fez a partir da observação da sociedade ao seu redor.

Essas disposições conferem aos seus escritos uma aproximação com a realidade social, por meio da produção de signos que procuram estabelecer uma relação de verossimilhança com o cotidiano. Desse modo, a literatura de Jorge Amado não se limita à construção ficcional de personagens e enredos, mas incorpora elementos de sua própria experiência e de suas relações com os sujeitos que compõem o universo social representado em suas obras. É caso de Don'Aninha, conforme (Saraiva; Araújo, 2022, p.111) personagem do romance, caracterizada como mãe-de-santo amiga do grupo de meninos abandonados das ruas de Salvador, que se encontra paralelo com a figura das mães-de-santos, com as quais o próprio autor teria estabelecido relação de amizade.

[3] Após a Revolução de 1930, consolidou-se um movimento de escritores interessados em desenvolver uma literatura de caráter crítico, voltada à denúncia dos problemas sociais que marcavam a região Nordeste. Nesse contexto, destacaram-se autores como Jorge Amado, José Lins do Rego, Rachel de Queiroz, José Américo de Almeida e Graciliano Ramos, entre outros. Esse movimento teve como um de seus antecedentes o I Congresso Regionalista do Nordeste, realizado em 1926, sob a liderança de Gilberto Freyre, do qual resultou o *Manifesto Regionalista*. Embora o manifesto tenha sido apresentado em 1926, sua publicação em livro ocorreu apenas em 1952.

ISSN: 2358-8829

De acordo com o sociólogo Antônio Cândido (2006, p.22), há um conjunto de fatores sociais que atuam sobre a formação da obra literária, como as experiências de noções psíquicas e estéticas. Para ele, a arte, especificamente em nosso caso, a literatura, pode ser lida em dois sentidos: primeiro, ela necessita da ação dos fatores do meio social, seja na forma de intuição, seja como elementos constituintes da ação criadora; segundo, ela transforma a concepção de quem a lê, produzindo novas formas de pensamento e diálogo com a realidade.

Em *Sociologia da Literatura*, a socióloga francesa Gisèle Sapiro (2019), aborda o campo como provedor de ferramentas de investigação das práticas literárias enquanto produtos sociais, em que estão inscritas instituições e agentes que constroem, apreciam e criticam esses bens culturais.

1.2 Infância e vulnerabilidade social em Capitães da areia:

Compreender a infância retratada em *Capitães da areia* exige reconhecê-la como uma categoria histórica e socialmente construída, cujos significados diferenciam conforme o contexto cultural, político e econômico de cada sociedade. Portanto, a infância não pode ser entendida como uma experiência universal ou homogênea, uma vez que as condições materiais de existência produzem formas distintas de viver essa etapa da vida.

Conforme observa o historiador Philippe Ariès (1981), a própria ideia de infância resulta de uma construção histórica, transformando-se ao longo do tempo de acordo com as mudanças nas relações familiares, nas instituições e nas formas de organização social. Assim, as experiências infantis são atravessadas por fatores como classe social, acesso à educação, trabalho, violência e proteção social, revelando que diferentes infâncias coexistem em uma mesma sociedade.

O enredo do romance respalda essa perspectiva ao representar uma experiência de infância profundamente marcada pelas condições sociais de existência. Desse modo, ao descrever os meninos que viviam nas ruas de Salvador, o narrador afirma:

> "[...] Nunca ninguém soube o número exato de meninos que assim viviam. Eram bem uns cem e destes mais de quarenta dormiam nas ruínas do velho trapiche. Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas." (Amado, 2008, p.29).

O trecho em destaque apresenta uma infância distinta da tipicamente associada à proteção, ao cuidado e à dependência do núcleo familiar. As condições materiais em que os personagens vivem produzem uma forma específica de vivenciar a infância, permeada pela

ISSN: 2358-8829

vulnerabilidade. Ao mesmo tempo, Amado não os representa apenas a partir da carência, ele os caracteriza como “donos da cidade” e “seus poetas”, atribuindo-lhes destaque na narrativa.

A expressão “donos da cidade” produz uma inversão significativa na representação desses sujeitos. Ainda que sejam socialmente identificados como crianças abandonadas ou menores delinquentes, o texto os apresenta como sujeitos que conhecem, ocupam e atribuem significados à cidade. A rua, nesse sentido, não aparece apenas como espaço de ausência de proteção, mas também como espaço de sociabilidade, pertencimento e construção de identidades. O desamparo social, portanto, não elimina o protagonismo dos personagens, mas condiciona as formas pelas quais essa preponderância pode ser exercida.

O autor desenvolve a trajetória de seus personagens infantis de maneira individualizada, ao longo da trama conhecemos Pedro Bala, João Grande, Professor, Sem-Pernas, Pirulito, Boa-Vida, Zé Fuinha, Barandão, Volta Seca, Almiro, Gato e Dora, a única personagem feminina do grupo de crianças. Apesar de compartilharem o mesmo cenário narrativo e a condição social sublinhada pela indigência, o romancista demonstra a possibilidade de compreender a pluralidade das experiências de infância dentro de um mesmo espaço social.

Qvortrup (1993) reforça o caráter estrutural dessa categoria: a infância não é uma fase de transição ou de preparação para a vida adulta, mas um componente permanente da estrutura social, tão relevante quanto classe, gênero e etnia — categorias, aliás, que se combinam e se sobrepõem à geração, e não a substituem. É justamente nesse cruzamento entre geração e classe social que se pode compreender a vulnerabilidade e a exclusão vivenciada pelos Capitães da areia: seu sentimento de infância é atravessado, de forma decisiva, por sua posição na estrutura de classes da Salvador do início do século XX.

Um aspecto importante desse episódio é a crítica de Amado aos efeitos da epidemia de varíola nos morros da Bahia, destacando quem eram os principais atingidos pela doença e pelas medidas de isolamento: a população pobre e, sobretudo, negra. Essa crítica é imbuída pela aspecto religiosa presente no romance, na qual a epidemia é associada à ação de Omolu, divindade relacionada às doenças e à cura, Jorge escreve:

> “OMOLU MANDOU A BEXIGA NEGRA PARA A CIDADE. Mas lá em cima os homens ricos se vacinaram, e Omolu era um deus das florestas da África, não sabia destas coisas de vacina. E a varíola desceu para a cidade dos pobres e botou gente doente, botou negro cheio de chaga em cima da cama. Então vinham os homens da saúde pública, metiam os doentes num saco, levavam para o lazareto distante. As mulheres ficavam chorando, porque sabiam que eles nunca mais voltariam. ” (Amado, 2008, p.143).

ISSN: 2358-8829

Segundo Kaztman (2000), a vulnerabilidade social pode ser compreendida a partir da relação entre os recursos (materiais, sociais e simbólicos) disponíveis aos indivíduos e as estruturas de oportunidades oferecidas pelo Estado, mercado e sociedade. Quando há um descompasso entre esses operantes e as oportunidades existentes, os indivíduos tornam-se mais suscetíveis a situações de exclusão e precariedade.

O personagem Sem-Pernas, retratado no livro como uma criança com deficiência, era utilizado pelo grupo como uma tática para a prática de furtos. Sua deficiência despertava a compaixão de algumas pessoas, o que facilitava sua aproximação das casas e pessoas que seriam alvo dos furtos e favorecia a construção da confiança dos moradores. Em um trecho do romance podemos destacar o seguinte diálogo dos personagens:

> — Dona, eu não tenho pai, faz só poucos dias que minha mãe foi chamada pro céu — mostrava um laço preto no braço, laço que tinha sido feito com a fita do chapéu novo do Gato, que se danara. — Não tenho ninguém no mundo, sou aleijado, não posso trabalhar muito, faz dois dias que não vejo de comer e não tenho onde dormir. Parecia que ia chorar. A senhora olhava muito impressionada:
> — Você é aleijado, meu filho?
> O Sem-Pernas mostrou a perna capenga, andou na frente da senhora forçando o defeito. Ela o fitava com compaixão: [...] — Se eu quisesse me metia aí com esses meninos ladrão. Com os tal de Capitães da Areia. Mas eu não sou disso, quero é trabalhar. Só que não aguento um trabalho pesado. Sou um pobre órfão, tou com fome... (Amado, 2008, p. 120-121).

A cena expõe as contradições de uma sociedade em que a condição de pobreza e a falta de oportunidades de trabalho empurram crianças para estratégias de sobrevivência à margem da legalidade. Assim, o personagem permite refletir sobre como a exclusão social e a ausência de condições dignas de existência influenciam as trajetórias infantis, demonstrando que suas ações não podem ser compreendidas isoladamente, pois as desigualdades sociais atravessam suas vidas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

2.0 Pedagogia das ruas: experiências cotidianas e processos de aprendizagem em Capitães da Areia:

Tomando como ponto de partida o caso do personagem Sem-Pernas, é possível interpretar a rua como um espaço de aprendizagem, no qual as crianças desenvolvem conhecimentos e estratégias necessários à própria sobrevivência. Na ausência de proteção familiar e institucional, o personagem aprende a compreender as relações sociais a partir das experiências cotidianas, observando o comportamento dos adultos, identificando suas

ISSN: 2358-8829

expectativas e reconhecendo as formas pelas quais pode estabelecer vínculos de confiança com grupos adultos.

Nesse sentido, a sobrevivência nas ruas exige não apenas recursos materiais, mas também a capacidade de interpretar situações, pessoas e relações. Essa aprendizagem pode ser percebida de maneira particular na experiência de Sem-Pernas. Sua deficiência, ao mesmo tempo em que o coloca em uma condição de fragilidade, também é mobilizada pelo personagem como recurso para estabelecer aproximação com os adultos. Ele percebe as diferentes reações provocadas por sua condição e compreende que determinadas representações — como a de uma criança pobre, órfã e com deficiência — podem despertar sentimentos de piedade, proteção e proximidade.

Essa dimensão da experiência de Sem-Pernas pode ser ampliada para compreender a trajetória dos demais Capitães da Areia. A convivência cotidiana entre as crianças possibilita a transmissão de conhecimentos, técnicas e estratégias desenvolvidas nas próprias ruas. Eles aprendem a circular pela cidade, identificar situações de perigo, reconhecer diferentes espaços e pessoas, estabelecer relações de intimidade e encontrar formas de obtenção de recursos. Trata-se de conhecimentos construídos coletivamente e transmitidos pela experiência, pela observação e pela convivência entre os próprios integrantes do grupo.

A rua, assim sendo, constitui um espaço no qual essas crianças desenvolvem capacidades que respondem diretamente às condições concretas de abandono e vulnerabilidade em que estão inseridas. É nesse sentido que se pode compreender a noção de "pedagogia da rua" presente na experiência dos Capitães da Areia. O termo não deve ser entendido como uma forma de educação positiva, tampouco como substituição da escola ou das instituições responsáveis pela proteção da infância. Trata-se, antes, de um conjunto de aprendizagens informais produzidas pelas próprias condições de vida nas ruas. A ausência da família, a pobreza e a insuficiência das instituições de proteção fazem com que a experiência cotidiana se converta em uma importante fonte de conhecimentos sobre a vida social.

Essa compreensão da aprendizagem para além dos espaços escolares aproxima-se da perspectiva de Brandão (2007), para quem os processos educativos também se constituem nas relações cotidianas. Para além das dinâmicas das ruas seria possível identificar na narrativa de alguns personagens que exercem uma função de educador ou transmissor de valores e visões de mundo para o grupo de meninos. podemos destacar a figura do padre josé Pedro, Mãe-de-santo Don Aninha, Querido de Deus e João de Adão, personagens adultos que contracenam com os personagens infantis e que em certa medida são pessoas marginalizadas

ISSN: 2358-8829

em sua especificidade. Padre josé Pedro na condição de sacerdote leigo sem paróquia, a mãe-de-santo marcada pela intolerância religiosas, Querido de Deus pelo fato de ser um homem negro, pobre e capoerista, tendo em vista que a partica da capoira era alvo de discriminção, e o personagem João de Adão, como lider dos estivadores.

2.1 Entre a reprodução moral e a consciência de classe: educação, ideologia e formação dos sujeitos:

A figura do Padre José Pedro no romance é bem marcante, tendo em vista sua presença na vida dos personagens, e principalmente de Pirulito membro do grupo que sonha em se tornar sacerdote. Partindo da história do personagem José Pedro e Pirulito tento aqui desenvolver minha argumentação a partir da contribuição do sociólogo Émile Durkheim (2016), para ele a educação se faz no processo de socialização no qual as gerações passadas preparam as mais jovens para a vida em sociedade, lhes transmitindo valores, conhecimentos e comportamentos exigidos para sua integração à vida em social.

O contato estabelecido entre os dois permite compreender a educação para além dos espaços formais, uma vez que Padre exerce sobre o menino uma função educativa baseada na transmissão de valores, princípios morais e ensinamentos religiosos. Jorge Amado ao narrar o primeiro contato do padre com um dos integrantes do grupo descreve:

> "Há muito que ele aguardava uma oportunidade para travar relações com as crianças abandonadas da cidade. Pensava que aquela era a missão que lhe estava reservada. Já fizera umas tantas visitas ao reformatório de menores, mas ali lhe punham todas as dificuldades porque ele não esposava as ideias do diretor de que é necessário surrar uma criança para a emendar de um erro. E mesmo o diretor tinha ideias únicas sobre os erros. Há bastante tempo que o padre José Pedro ouvia falar nos Capitães da Areia e sonhava entrar em contato com eles, poder trazer todos aqueles corações a Deus. Tinha uma vontade enorme de trabalhar com aquelas crianças, de ajudá-las a serem boas." (Amado, 2008, p. 173).

Essa trajetória é importante para compreender a maneira como o personagem se relaciona com os meninos do trapiche, uma vez que sua experiência de vida o aproxima das dificuldades enfrentadas pelas camadas socialmente desfavorecidas. O menino alimenta o desejo de ingressar no seminário e tornar-se padre, encontrando na figura de José Pedro uma espécie de referência e possibilidade de futuro. Entretanto, esse projeto religioso é constantemente tensionado pelas condições concretas de sua existência. Em diferentes momentos da narrativa, Pirulito encontra-se dividido entre os ensinamentos da moral católica, transmitidos pelo padre, e as necessidades materiais impostas pela vida no trapiche e pelas experiências de sobrevivência nas ruas.

ISSN: 2358-8829

> "Pirulito fora a grande conquista do padre José Pedro entre os Capitães da Areia. Tinha fama de ser um dos mais malvados do grupo, contavam dele que uma vez pusera o punhal na garganta de um menino que não queria lhe emprestar dinheiro e o fora enfiando devagarinho, sem tremer, até que o sangue começou a correr e o outro lhe deu tudo que queria. Mas contavam também que outra vez cortou de navalha a Chico Banha quando o mulato torturava um gato que se aventurara no trapiche atrás dos ratos. No dia que o padre José Pedro começou a falar de Deus, do céu, de Cristo, da bondade e da piedade, Pirulito começou a mudar." (Amado, 2008, p.113).

O padre não exerce sua influência sobre Pirulito a partir de uma posição institucional de autoridade escolar, mas por meio da proximidade cotidiana e dos ensinamentos que oferece ao menino. Ao mesmo tempo, a própria trajetória de José Pedro demonstra que a formação moral não está desvinculada das condições sociais: tanto o padre quanto Pirulito precisam lidar com as limitações materiais que atravessam suas vidas. Assim, o autor apresenta uma relação educativa tensionada entre aquilo que se ensina como ideal moral e aquilo que as condições concretas de existência permitem realizar. No capítulo "As Luzes do Carrossel" ao fazer um convite ao grupo para andar no Carrossel, Jorge Amado escreve:

> "O padre José Pedro meteu a mão no bolso da batina, tirou o breviário negro. Abriu e de dentro sacou algumas notas de dez mil-réis:
>
> — Isso é pra gente andar no carrossel hoje... Convido vocês todos para andarem hoje no carrossel da praça de Itapagipe. [...] Esperava que os rostos se animassem mais. Que uma extraordinária alegria reinasse em toda sala. Porque assim ficaria ainda mais convicto de que estava servindo a Deus quando daqueles quinhentos mil-réis que dona Guilhermina Silva dera para comprar velas para o altar da Virgem tirara cinquenta mil-réis para levar os Capitães da Areia ao carrossel. [...] Olhavam para o padre sem compreender. Pedro Bala franzia a testa como quando tinha um problema a resolver, o Professor tentou falar. Mas João Grande compreendeu tudo, apesar de ser o mais burro de todos:
>
> — Era da igreja, padre? — e bateu na boca com raiva de si mesmo.
>
> Os outros entenderam. Pirulito pensou que tivesse sido um grande pecado, mas sentiu que a bondade do padre era maior que o pecado. Então o Sem-Pernas veio coxeando ainda mais que o seu natural, como se viesse lutando consigo mesmo, chegou perto do padre e quase gritou a princípio, se bem logo baixasse muito a voz:
>
> — A gente pode botar no lugar onde estava... É coisa canja pra gente. Não fique triste... — e sorria."(Amado, 2008, p.78-79).

João de Adão, sendo um dos estivadores mais engajados na luta dos doqueiros Em um diálogo, com Pedro Bala apresenta a história do pai de Pedro que também foi um estivador, e líder das greves:

> — Porque o pai dele era Raimundo e morreu foi aqui mesmo lutando pela gente, pelo direito da gente. Era um homem e tanto. Valia dez destes que a gente encontra por aí.
>
> — Meu pai? — fez Pedro Bala, que daquelas histórias só conhecia vagos rumores.
>
> — Teu pai, era. A gente chamava ele de Loiro. Quando foi da greve fazia discurso pra gente, nem parecia um estivador. Foi pegado por uma bala. Mas tem um lugar pra tu nas docas. (Amado, 2008, p. 86).

ISSN: 2358-8829

Ao longo da relação estabelecida entre João de Adão e Pedro Bala torna-se evidente o vínculo educativo estabelecido entre os personagens. A existência de uma dualidade entre formação dada pelo padre que em certa medida se faz consolidadora para com desigualdades, em contraposição a do estivador João de Adão, que cria em Pedro Bala líder do grupo uma consciência crítica perceptível

> "O padre José Pedro dizia que a culpa era da vida e tudo fazia para remediar a vida deles, pois sabia que era a única maneira de fazer com que eles tivessem uma existência limpa. Porém uma tarde em que estava o padre e estava o João de Adão, o doqueiro disse que a culpa era da sociedade mal organizada, era dos ricos...
> Que enquanto tudo não mudasse, os meninos não poderiam ser homens de bem. E disse que o padre José Pedro nunca poderia fazer nada por eles porque os ricos não deixariam. O padre José Pedro naquele dia tinha ficado muito triste, e quando Pirulito o foi consolar, explicando que ele não ligasse ao que João de Adão dizia, o padre respondeu balançando a cabeça magra.
> — Tem vezes que eu chego a pensar que ele tem razão, que isso tudo está errado. Mas Deus é bom e saberá dar o remédio…" (Amado, 2008, p.112).

Percebe-se, nessa passagem, a interpolação de falas que se intercruzam. De um lado, encontra-se a fala conservadora do padre, que se resigna diante da situação das crianças e busca remediá-la por meio do assistencialismo próprio da caridade católica. De outro, João de Adão atribui a situação de pobreza vivenciada pelas crianças à desorganização social, responsabilizando os ricos por sua condição. Por fim, o narrador, por meio da dinâmica da escrita, mostra dialeticamente as contradições sociais entre pobreza e riqueza, articulando os discursos das personagens a partir de suas distintas posições sociais.

Disso resulta a representação do tecido social marcado pela luta de classes, enfatizada no romance como uma característica fundamental. O padre aparece como representante de uma instituição religiosa organizada, atuando como funcionário da burocracia católica. Em contrapartida, Raimundo, pai de Pedro Bala, e João de Adão aproximam-se da figura do intelectual orgânico oriundo dos setores proletários urbanos, cuja presença se intensificava à medida que a cidade se expandia e incorporava novos contingentes de trabalhadores.

No caso as ideias de Raimundo ecoadas por joão de Adão identifica o surgimento de um novo intelectual:

> "Todo homem afinal [...] é um filósofo, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, tem uma linha de consciência de conduta moral, e assim contribui para manter ou modificar uma concepção do mundo, seja despertar novas formas de pensar."(Gramsci, 2024, p.1660).

ISSN: 2358-8829

As próprias condições ainda incipientes da industrialização da cidade de Salvador, associadas ao tráfego marítimo e às atividades de exportação e importação, contribuíam para a formação de uma massa proletária urbana. Nesse contexto, o desenvolvimento econômico modificava as relações sociais de produção, favorecendo o surgimento de uma nova consciência de classe entre os estivadores, que passaram a reivindicar demandas relativas ao mundo do trabalho por meio de movimentos paredistas. Gramsci anunciava o modo de ser do novo intelectual que consistia "Em me excluísse ativamente da vida prática, como construtor, organizador [...] "

Em diversos momentos entre eles no capítulo "Aventura de Ogum" Jorge Amado narra um episódio de intolerância religiosa quando a polícia apreendeu Ogum do terreiro de Don'Aninha, ao relatar aos Capitães da Areia do acontecido:

> — Não deixam os pobres viver... Não deixam nem o deus dos pobres em paz. Pobre não pode dançar, não pode cantar pra seu deus, não pode pedir uma graça a seu deus — sua voz era amarga, uma voz que não parecia da mãe-de-santo Don'Aninha. – Não se contentam de matar os pobres a fome...Agora tiram os santos dos pobres... — e alçava os punhos.
>
> Pedro Bala sentiu uma onda dentro de si. Os pobres não tinham nada. O padre José Pedro dizia que os pobres um dia iriam para o reino dos céus, onde Deus seria igual para todos. Mas a razão jovem de Pedro Bala não achava justiça naquilo. No reino do céu seriam iguais. Mas já tinham sido desiguais na terra, a balança pendia sempre para um lado. (Amado, 2008, p.97).

Sua atuação pode ser aproximada do conceito de intelectual orgânico, elaborado por Antonio Gramsci, uma vez que seu conhecimento não está dissociado das experiências e das lutas do grupo social ao qual pertence. Ao estabelecer contato com Pedro Bala, João de Adão contribui para que o jovem ultrapasse a dimensão imediata da sobrevivência nas ruas e desenvolva uma percepção mais crítica acerca das relações de exploração e das injustiças sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Jorge Amado desponta na literatura brasileira como um autor engajado e um exímio educador, conhecido como romancista do povo. A partir de sua escrita, é possível identificar o interesse pela transformação da consciência, evidenciado nas experiências de seus personagens. Em Capitães da Areia (1937), o autor retrata crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, destacando suas formas de sociabilidade, aprendizagem e construção de conhecimentos. As relações estabelecidas entre os personagens revelam

diferentes processos educativos, que ultrapassam os espaços escolares e se constituem nas experiências cotidianas. Dessa forma, a obra permite compreender a infância a partir das condições históricas e sociais que a atravessam, contribuindo para a reflexão crítica sobre a desigualdade, a exclusão e a negligência institucional, além de reafirmar a literatura como importante fonte de investigação sociológica e educacional.

Palavras-Chave: Infância Em Vulnerabilidade Social, Educação E Sociedade, Literatura Brasileira, Capitães Da Areia, Dimensão Socioeducativa.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. Capitães da Areia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
ARIÈS, Philippe. História social da criança e da família. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
GARCIA, Regina Leite (org.). Crianças, essas conhecidas tão desconhecidas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
GINZBURG, Carlo. Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
GRAMSCI, Antonio. Cadernos do cárcere: obra completa. Tradução: IGS-Brasil. Rio de Janeiro: IGS-Brasil, 2024.
LEITE, Gildeci de Oliveira; SARAIVA, Filismina Fernandes; PRADO, Thiago Martins Caldas (orgs.). III Webinário estudos amadianos: 110 anos de nascimento de Jorge Amado. 1. ed. Cachoeira, BA: Portuário Atelier Editorial, 2022. Disponível em: https://infonet.com.br/wp-content/uploads/2022/11/Webinario-amadiano-1.pdf. Acesso em: nov. 2023.
MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
QVORTRUP, Jens. Nove teses sobre a "infância como um fenômeno social". Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 1 (64), p. 199-211, jan./abr. 2011. Disponível em: https://doi.org/10.1590/S0103-73072011000100015. Acesso em: 16 nov. 2023.
SAPIRO, Gisèle. Sociologia da literatura. Belo Horizonte: Moinhos/Contafios, 2019.
SARMENTO, Manoel Jacinto. Visibilidade social e estudo da infância. In: VASCONCELOS, Vera Maria Ramos de (org.). Infância (in)visível. Minho, PT: Junqueira & Marin Editores, 2007. p. 25-49.
SARAIVA, Filismina Fernandes; ARAÚJO, Nerivaldo Alves. Diálogo entre literatura e história: Don'Aninha de Capitães da Areia (1937) e a mãe-de-santo Mãe Aninha. In: LEITE, Gildeci de Oliveira; PRADO, Thiago Martins Caldas (orgs.). III Webinário estudos amadianos: 110 anos de nascimento de Jorge Amado. 1. ed. Cachoeira, BA: Portuário Atelier Editorial, 2022. p. 111-122.
SOUZA, Antônio Cândido de Mello e. Literatura e sociedade. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. [1965]. Recurso digital. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6559624/mod_resource/content/1/Aula_2_Candido_Literatura%20e%20Sociedade.pdf. Acesso em: 1 nov. 2023.
SOUZA, Milena Alves de. "Eram como homens, se bem fossem crianças…": a infância abandonada em Capitães da Areia (1920-1939). 2022. Monografia (Bacharelado em História) — Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/35811. Acesso em: nov. 2023.